

1. INTRODUÇÃO

Fui apresentado à obra de José Gomes Ferreira pela professora Izabel Margato que durante um curso sobre os poetas neo-realistas na graduação da Puc-Rio, no qual eu também viria a ministrar algumas aulas, pediu que lesse o poeta em questão para que pudesse preparar uma aula. Na época tinha em mente escrever sobre a *Revolução dos Cravos* a partir de alguns poetas, escritores e teóricos portugueses que pensaram e escreveram sobre a revolução, entre os quais José Cardoso Pires, Sophia de Mello Breyner, Eduarda Dionísio, Manoel Alegre, Carlos de Oliveira, entre outros.

O meu interesse por José Gomes Ferreira veio logo no primeiro instante. Lembrome de quando comecei a folhear o primeiro volume de o *Poeta Militante* e me deparei com a pergunta feita nos primeiros versos de o *Poema do Mundo Perdido* (1937): “Porque não nasci no mundo / que trago em mim?”, com o qual andei por dias a refletir, visto que o estranhamento diante do mundo também me acometia e, acredito, a todos os homens das letras. Assim, a partir desta pergunta nasceu a idéia de escrever sobre a obra de José Gomes Ferreira. A cada leitura uma surpresa imagética, uma memória minha atrelada à escrita mnemônica do poeta, e de repente um quadro impressionista se fazia em minha frente sobre a realidade dos fatos. Aos poucos fui percebendo uma atenção maior para com os episódios corriqueiros, através dos quais percebi ser possível confrontar o que lia em suas poesias com certas passagens dos diários, que cada dia se refazia em imagens e significações que eu nunca havia visto em poeta algum. E me perguntei: que escritor é esse que deseja “um mundo com outra cor”? “Um mundo sem cóleras nem luto” com “homens perdidos nos caminhos”? Que poeta é esse que deseja acompanhar “todo o ruído e a confusão” da “trajectória da Pedra a cair no Abismo...”?

Ao iniciar minha pesquisa reparei que quase todos os textos críticos sobre a obra de José Gomes Ferreira citavam o diário *A memória das palavras – ou o gosto de falar de mim* (1965). A minha intuição, antes mesmo de ler este diário, levava-me ao universo diarístico sem saber que este era mesmo a mola mestra de sua literatura. Mas foi a partir da

qualificação deste trabalho, onde tive o prazer de contar com os professores Ronaldo Menegaz e Maria Helena Werneck, que me dei conta das idéias veladas em meu texto.

Para chegar ao coração da poesia de José Gomes Ferreira foi preciso encontrar outras artérias que nos levassem até o centro do seu pensamento. Os diários nos permitiram ouvir o próprio poeta relatar as experiências que o levaram àquela quantidade de imagens por um léxico restrito, logo reinventados de forma imagética. As palavras escolhidas se repetiam, mas nunca o seu significado que atrelado a outras palavras inaugurava um significado novo. Na primeira página de seu diário *A memória das palavras*, ao escrever o porquê da sua “missão especial” de dizer o que ninguém mais ousava, percebemos a maneira metafórica da percepção do poeta com relação à escrita. Afinal, o quê ninguém ousava dizer?

Lixo secreto, mutilação de sombras, punhais de que só resta o frio, galanteios de sonhos parvos, sexos desenhados na Lua, tentativas vãs de ressuscitar a Criança morta, o ilógico do outro lado da realidade, sóis ocios, fogueiras a arder por dentro das unhas, gritos iniciais, pavor da morte nua, paisagens de punhos cerrados contra ídolos de pó, desejo de embalar o planeta nos braços, regresso às origens, catarse...¹

O volume de quadros oferecidos a partir da visão inconsciente do poeta sobre a realidade advém da arrumação das palavras que “dispostas de certa maneira adquiriam outro significado”. Pensando em passear por esse universo rico de novas proposições e significações, adentramos pela poética de José Gomes Ferreira com o objetivo de fundamentar a sua escrita diarística.

No primeiro capítulo deste trabalho deixamos a voz do poeta soar mais alto na tentativa de acompanhar a sua evolução até o seu amadurecimento em 1931 com o poema *Viver sempre também cansa*. Este capítulo tem por objetivo apresentar José Gomes Ferreira e a sua história, com a finalidade de poder chegar o mais próximo de sua poética. Com base nos acontecimentos vividos e narrados pelo próprio José Gomes Ferreira, foi possível entender a sua exigência na busca incessante por uma técnica apurada que pudesse dar conta da sua idealização de poeta. A sua biografia foi importante nesse momento porque ajudou a fundamentar questões que permeiam este trabalho, como o caráter diarístico de

¹ FERREIRA, J.G. *A memória das palavras*. p. 11

sua poética, além do lado social de sua poesia, aqui visto pela ótica do próprio José Gomes Ferreira.

Depois de perseguir alguns ingredientes externos e pessoais, o poeta encontra na realidade os elementos principais para “a força terrivelmente humana” que se encontra por trás de todos os acontecimentos. Com base na realidade dos fatos foi possível chegar bem próximo do “mundo dos outros”, como no episódio dos camponeses que se encontram longe do movimento político entre monárquicos e republicanos.

Com todos os acontecimentos revividos pelo poeta em seu livro de memórias, é a iniciação como orador no Liceu da cidade de Lisboa que marca a sua experiência na qual chamou de “máquina automática”, uma espécie de pensamento espontâneo perseguido pelo poeta que nos ajudou a fundamentar a sua escrita diarística e o seu desejo em definir o Homem e “não fabricar literatura para manequins com corações de cera”.

Para escrever o segundo capítulo formulamos algumas perguntas que nos ajudaram a fundamentar a confecção do texto. Por que um poeta escreve ao mesmo tempo poesia e prosa? Será que o que sobra em uma e em outra são arrematadas em ambas de forma diferente? Por que escrever um diário com os mesmos temas trabalhados nos poemas e vice versa? Pensando assim, com a ajuda da teoria de Maurice Blanchot, desenvolvemos, na segunda etapa deste trabalho, uma proposição sobre a escrita diarística de José Gomes Ferreira, a partir de questões particulares do poeta, como a solidão e a própria figura social do poeta, pelas quais Gomes Ferreira demonstrou interesse desde cedo. Perseguimos o desejo de José Gomes Ferreira de ver a sua figura atrelada à palavra ‘poeta’, mantendo a importância de sua obra na forma diarística. A audácia, valor que o fez seguir adiante, tem um significado importante em sua escrita livre, pois dessa forma o poeta pôde apresentar o mundo como ele pensa ser o real, e sua representação através da literatura. A ousadia de nunca se prender a formas fez de José Gomes Ferreira um escritor singular de tentativas e sonhos de mudanças pessoais e literárias em século marcado por grandes acontecimentos. Manter um diário foi a forma encontrada para sustentar a chama de sua história, além da reconstituição de si nos tempos sombrios da ditadura salazarista. A saída para repreender a angústia e a solidão veio com a descoberta das “forças do inconsciente”. Através delas o poeta conduziu a sua escrita diante dos acontecimentos diários, na busca de produzir

imagens simbólicas do presente capazes de significar o real, ou de poder “fixar a realidade”, como almejou o poeta.

O terceiro capítulo tem como ponto de partida o confronto do eu lírico com os acontecimentos dos anos 30 em diante. O cenário deste embate é a longa ditadura portuguesa e a censura que, de uma certa forma, acabou por contribuir para uma escrita hermética e labiríntica, cujo confronto entre o mundo interior e o mundo exterior se evidencia no eu lírico. Ao assumir a responsabilidade de escritor, o poeta utiliza o sentido do que chamou de “vida dupla” para fundamentar a sua experiência individual diante do desejo de criar uma nova significação para o mundo em que vive. Partindo da condição de que o dia-a-dia pode revelar-lhe coisas nunca sentidas, vividas ou mesmo imaginadas, o poeta põe-se a refletir de forma subjetiva, questionando a sua forma de presentificar o mundo através da linguagem. Assim, foi possível verificar a postura intelectual de José Gomes Ferreira que acreditou que as palavras poderiam servir de arma contra a ditadura de Salazar. A partir do hibridismo da sua linguagem foi possível pôr em diálogo sonho e realidade, realidade e ficção sem esquecer o pilar de toda a sua poética, o cotidiano. Com uma preocupação social e uma visão aguçada sobre o dia-a-dia, José Gomes Ferreira demonstrou durante a sua viagem pelo século XX ser possível estabelecer uma visão sobre o cotidiano, sem, contudo, deixar de ser moderno.

Com a criação do Estado Novo por Oliveira Salazar à sombra dos regimes ditatoriais na Europa, a escrita de José Gomes Ferreira foi capaz de traduzir o perfil sócio-histórico, de um Portugal marcado por 420 anos de censura e repressão ao longo de sua historiografia². Desta forma, o escritor tornou-se uma grande vítima da história cultural de Portugal; talvez por isso o seu grito poético tenha preferido o tema da liberdade como centro de muitas questões, como afirma seu filho Raúl Hestnes Ferreira em entrevista concedida a Sara Rodrigues, na qual confirma que este era mesmo um valor que Gomes Ferreira colocou acima dos outros. Com base nesta afirmação de seu filho sobre o tema da liberdade chegamos ao momento em que finalmente Portugal é liberto de suas algemas depois de 48 anos de ditadura salazarista. Em poema narrativo, sob a epígrafe de *25 de Abril de 1974*, sobre a Revolução dos Cravos, podemos perceber não só a sua emoção do momento, mas também o relato como aparece nos livros de história.

² Cf. José Cardoso Pires. *E agora José?*